
TECENDO SABERES: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM UMA ASSOCIAÇÃO DE SENHORAS ARTESÃS EM OURO PRETO (MG)

WEAVING KNOWLEDGE: AN OUTREACH EXPERIENCE WITH AN ASSOCIATION OF WOMEN ARTISANS IN OURO

Submissão:

10/08/2025

Aceite:

20/10/2025

Tays Torres Ribeiro das Chagas¹  <https://orcid.org/0000-0001-9026-7937>

Bernardo Almeida Rocha²  <https://orcid.org/0000-0002-9772-5627>

Yã Grossi Andrade³  <https://orcid.org/0000-0003-4811-2776>

Julia Pereira Bonilho⁴  <https://orcid.org/0009-0003-2541-8307>

Resumo

Este artigo relata uma experiência extensionista desenvolvida junto à Associação das Senhoras Artesãs (ASA) de Ouro Preto (MG), por meio do projeto de extensão “Mulheres de ASAs: artesanato empreendedor com mulheres rurais”, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. O projeto teve como foco o fortalecimento do empreendedorismo feminino, valorizando o bordado como patrimônio cultural e promovendo a capacitação técnica e organizacional das artesãs. Por meio de oficinas, assessoramento e apoio à participação em editais, as mulheres ampliaram suas habilidades, autonomia e geração de renda, além de promoverem a inovação em produtos ligados à tradição local. A atividade também contribuiu para a formação prática e crítica dos discentes, aproximando-os da realidade social e fortalecendo o diálogo entre universidade e comunidade. Como resultado, observou-se o fortalecimento da associação, a valorização dos saberes artesanais e o impacto positivo na economia local, demonstrando o potencial transformador da extensão universitária.

Palavras-chave: trabalho artesanal; extensão universitária; empreendedorismo feminino; bordado.

Abstract

This article reports an extension experience developed with the Associação das Senhoras Artesãs (ASA) of Ouro Preto (MG), within the extension project “Women of ASAs: Entrepreneurial Handicrafts with Rural Women,” linked to the Dean of Extension at the Federal University of Ouro Preto. The project focused on strengthening female entrepreneurship, acknowledging embroidery as cultural heritage, and promoting technical and organizational training of artisans. Through workshops, mentorship, and support in participating in public tenders, the women expanded their skills, autonomy, and income, while fostering innovation in products rooted in local tradition. The project also contributed to practical and critical training of students, bringing them closer to social reality and reinforcing the dialogue between the university and the community. As a result, the association was consolidated, artisanal knowledge was valued, and a positive impact on the local economy was observed, demonstrating the transformative potential of university outreach activities.

Keywords: handicraft work; university outreach activities; female entrepreneurship; embroidery.

Introdução

A extensão universitária é compreendida como um processo educacional interdisciplinar que promove a troca de saberes entre a universidade e a sociedade (Plano Nacional de Extensão Universitária [PNEU], 2012). Sua importância reside na possibilidade de articular teoria e prática, permitindo ao discente refletir criticamente sobre os conhecimentos adquiridos em sala de aula a partir da vivência de contextos concretos (Pinheiro; Narciso, 2022). Para Santos (2012), a extensão constitui uma ferramenta essencial para a formação cidadã, à medida que propicia o contato com a realidade social e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Nesse sentido, diversos autores (e.g., Cunico *et al.*, 2024; Fernandes, 2012) destacam a extensão como dimensão indissociável do processo educativo universitário, por favorecer o desenvolvimento de sujeitos críticos, socialmente comprometidos e capazes de intervir em seus territórios por meio de vivências transformadoras.

Paralelamente, observou-se, a partir do projeto de extensão desenvolvido, o crescente protagonismo do empreendedorismo feminino, entendido como a gestão independente de negócios por mulheres responsáveis pelas decisões estratégicas (Rubio Bañón; Lloret, 2016; Hapsari; Soeditianingrum, 2018). Além disso, a atuação dessas empreendedoras é significativa para a economia, pois contribui para a geração de renda, a redução da pobreza e o fortalecimento de saberes locais (Frederick; Nguyen, 2014).

Segundo o relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2023), quase um em cada três

negócios estáveis no mundo é liderado por mulheres. Contudo, muitas dessas empreendedoras atuam em contextos altamente competitivos e de baixo retorno financeiro, enfrentando desigualdades domésticas, múltiplas jornadas de trabalho e dificuldades de acesso a direitos e oportunidades.

No Brasil, o artesanato constitui a principal fonte de renda de muitas famílias, sustentado pela diversidade cultural e pela ampla disponibilidade de matérias-primas (Moraes Sobrinho *et al.*, 2012). O bordado, em especial, é um saber-fazer historicamente associado ao feminino e ao espaço doméstico — um conhecimento tácito transmitido entre gerações, muitas vezes invisibilizado em termos econômicos e sociais (Sousa, 2019). Atualmente, esse saber ganha novos contornos, sendo ressignificado como possibilidade de geração de renda e de autonomia para mulheres artesãs.

Ao se reconhecer como patrimônio imaterial, o bordado passa a integrar as dinâmicas de transmissão cultural comunitária, tecendo não apenas fios, mas também histórias, memórias e vínculos sociais. Mesmo sendo, em essência, uma prática individual, carrega em si a potência do coletivo, como destaca Alves (2022, p. 75): “na medida em que bordam seus tecidos, elas bordam também a si em coletivo, imbricando o pensar e o sentir com o fazer”.

As associações de bordadeiras, muitas vezes formadas de modo informal, emergem como espaços de preservação e recriação da tradição, articulando o saber ancestral com práticas organizacionais e estratégias de inovação. Cyrne (2023) enfatiza que tradição e inovação não são conceitos opostos, mas complementares: enquanto a tradição oferece estabilidade e propósito, a inovação permite adaptação e protagonismo em cenários de mudança.

Com isso, o bordado, ainda que associado à tradição, também se torna símbolo de inovação — seja pela criação de novos produtos, seja pela reorganização das formas de gestão coletiva. O desafio está em equilibrar a preservação dos valores culturais com o desenvolvimento de soluções criativas que fortaleçam as práticas artesanais como formas legítimas de trabalho, identidade e resistência.

No contexto das comunidades de prática, o saber artesanal é construído e compartilhado socialmente, exigindo participação ativa e contínua. Segundo Lave e Wenger (1991), tornar-se membro de uma comunidade requer envolvimento com suas práticas socioculturais e sua lógica interna de aprendizagem, mediada por relações de pertencimento e reconhecimento. Especificamente entre artesãos, esse processo ocorre majoritariamente no núcleo familiar e está ligado à herança cultural que molda a identidade individual e coletiva (Ferreira *et al.*, 2016).

Nesse sentido, os coletivos de mulheres bordadeiras tornam-se espaços de empoderamento e transformação, convertendo um fazer historicamente associado à submissão doméstica em prática política, de afirmação e liberdade. Diniz (2021, p. 316) reforça esse aspecto ao afirmar que “o bordado permite abrir um leque de possibilidades com suas palavras e figuras (...) revelando e rememorando falas, histórias e confidências costuradas socialmente”.

A experiência extensionista relatada neste artigo nasce desse entrelaçamento entre universidade, saber popular, empreendedorismo, inovação e cultura. Desenvolvido junto à Associação das Senhoras Artesãs (ASA), em Ouro Preto (MG), o projeto de extensão “Mulheres de ASAs: artesanato empreendedor com mulheres rurais”, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), teve como objetivo o fortalecimento da rede de apoio ao empreendedorismo feminino, o assessoramento organizacional da associação e a valorização do saber-fazer artesanal como prática formativa e geradora de renda.

Como resultados concretos, destacam-se a melhoria na gestão interna da associação, a criação de uma loja virtual, o estabelecimento de parcerias estratégicas e a realização contínua de oficinas

mensais de bordado criativo nos distritos de Ouro Preto. Para os participantes do projeto, a extensão revelou-se um espaço de experiência formativa, de transformação mútua e de atravessamentos – aquilo que Bondía (2002) define como o que “nos toca” e “nos acontece”. Nesse sentido, a vivência extensionista exigiu um gesto de escuta, interrupção e presença, permitindo que todos os envolvidos fossem, de alguma forma, transformados pelos encontros.

Procedimentos metodológicos

Este artigo configura-se como um relato de experiência, fundamentado na vivência extensionista junto à Associação das Senhoras Artesãs (ASA), no município de Ouro Preto (MG), entre maio de 2023 e dezembro de 2024. As ações desenvolvidas integram o projeto de extensão universitária “Mulheres de ASAs: artesanato empreendedor com mulheres rurais”, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

A proposta extensionista baseia-se na perspectiva freiriana de educação libertadora e na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, priorizando o diálogo de saberes entre universidade e comunidade. As atividades foram conduzidas por discentes, docentes e técnicos administrativos, em parceria com as integrantes da ASA, buscando promover o fortalecimento do empreendedorismo feminino por meio da valorização dos saberes tradicionais do bordado.

Foram realizadas oficinas mensais de bordado e costura criativa, reuniões de planejamento coletivo, rodas de conversa, diagnósticos participativos e intervenções voltadas à organização do trabalho, gestão da produção, divulgação e fortalecimento da identidade do grupo. Além disso, o projeto de extensão também possibilitou a criação de uma loja virtual, a participação em editais públicos e a curadoria coletiva de uma exposição artístico-cultural, realizada em um museu da cidade.

A sistematização dessa experiência extensionista foi realizada a partir de registros em diário de campo, atas de reuniões, documentos produzidos coletivamente e narrativas das participantes. Esses materiais foram analisados com base em uma perspectiva reflexiva, permitindo identificar desafios, aprendizados, impactos e transformações vivenciados ao longo do processo. O relato que se segue não busca a generalização dos achados, mas sim compartilhar uma experiência situada, que articula saberes populares, conhecimentos acadêmicos e práticas extensionistas no enfrentamento das desigualdades de gênero, na valorização do patrimônio imaterial e na formação cidadã dos sujeitos envolvidos.

Quem são as “Mulheres de ASAs”?

A Associação das Senhoras Artesãs (ASA) de Ouro Preto foi fundada em 2008 por um grupo de 12 mulheres unidas pela paixão pela arte têxtil, especialmente o bordado. Desde então, a ASA tem se consolidado como uma entidade de significativa relevância cultural e comunitária no município. Atualmente, reúne 20 mulheres que se encontram semanalmente em seu ateliê, espaço que acolhe tanto a produção artesanal quanto a convivência, a troca de saberes e o fortalecimento de vínculos afetivos e colaborativos.

A criação da associação teve como propósito principal oferecer um ambiente de partilha, aprendizado mútuo e aperfeiçoamento de técnicas manuais. No ateliê, são desenvolvidos diversos produtos artesanais, com ênfase no bordado, prática que, além de expressar as habilidades individuais das inte-

grantes, resgata saberes tradicionais transmitidos entre gerações. As peças produzidas refletem a riqueza cultural de Ouro Preto, retratando elementos do patrimônio material local, como igrejas, museus e casarões coloniais. O resultado é uma produção marcada por forte expressividade e refinamento estético.

A diversidade de trajetórias, vivências e experiências das mulheres associadas enriquece o processo criativo coletivo e fortalece a identidade do grupo. A ASA participa ativamente de eventos e mostras culturais, por meio dos quais divulga e comercializa seus produtos, ampliando sua visibilidade e promovendo o bordado como fonte de renda e instrumento de fortalecimento econômico. Assim, a associação se mostra como um exemplo de organização comunitária baseada na cooperação, na valorização do fazer manual e no compromisso com a transformação social por meio da arte. Mesmo diante de desafios estruturais e financeiros, o grupo segue empenhado em expandir suas ações, preservar seus saberes e contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável do território onde atua.

Resultados

Diagnóstico e Assessoramento Organizacional

A ação teve início com a realização de um diagnóstico coletivo junto à associação, seguido da elaboração de um plano de ações. Compreendeu-se, nesse processo, que, além de reestruturar a organização do trabalho, era fundamental reconhecer o bordado como patrimônio cultural, material e econômico, e valorizar o saber-fazer artesanal como patrimônio imaterial.

A partir desse diagnóstico, identificaram-se como principais desafios: a gestão de conteúdo nas redes sociais; a criação de uma loja virtual; o estabelecimento de parcerias para inovação e comercialização dos produtos; a reorganização das práticas de trabalho; a definição de critérios de precificação; a ampliação da participação das associadas; e a realização de oficinas de bordado e costura nos distritos de Ouro Preto. Essas oficinas, por sua vez, visam não apenas à preservação dos saberes artesanais, mas também à promoção da geração de renda e ao empoderamento de outras mulheres.

No que diz respeito à organização do trabalho, buscou-se melhorar a gestão interna por meio da implementação de fluxos mais eficientes e da redistribuição das tarefas entre as associadas. As atividades compreendem a compra de materiais, a organização do ateliê, a identificação de feiras e espaços de venda, a produção de conteúdo para redes sociais, a inovação, como a criação de novos produtos com bordados regionais, a captação de novos parceiros para encomenda e aquisição dos artefatos, além da divulgação e organização das oficinas nos distritos.

Para garantir a efetividade das ações, priorizou-se a compreensão da essência das tarefas, de modo a designá-las às pessoas mais qualificadas para cada uma delas e a melhorar a comunicação interna. Essa etapa contou com reuniões semanais, realizadas às terças-feiras no ateliê da associação, com a participação de docentes, discentes e bordadeiras.

Por fim, observou-se que a elaboração do diagnóstico possibilitou identificar fragilidades administrativas e de comunicação e revelou a necessidade de um planejamento mais equitativo. A redistribuição das responsabilidades reduziu tensões, moveu maior equilíbrio no trabalho coletivo e fortaleceu a estrutura organizacional da ASA. Desde então, as terças-feiras passaram a ser o dia fixo de encontro para a realização dos bordados e a discussão das atividades da associação. O momento, que também inclui um café coletivo organizado em sistema de revezamento, tornou-se um espaço de convivência afetiva, consolidando a ASA como uma verdadeira comunidade de prática.

Desenvolvimento de Estratégia de Comunicação e Identidade Visual

Tendo em vista o diagnóstico realizado, desenvolveu-se também uma estratégia de comunicação integrada, com o objetivo de fortalecer a visibilidade da associação e promover seus produtos de forma mais eficiente. Essa estratégia incluiu a criação de materiais gráficos de divulgação, como cartões de visita, etiquetas, banners e postagens para redes sociais, além da reestruturação da identidade visual da ASA, buscando alinhar sua imagem institucional à proposta cultural, social e econômica do grupo.

Um aspecto importante dessa reestruturação foi o aprimoramento da identidade visual do perfil da associação no Instagram (Imagen 1), que passou a contar com uma estética mais coerente e profissional, facilitando a comunicação com o público e a apresentação dos produtos artesanais. Essa rede social, por sua relevância como canal de divulgação e contato com clientes, passou a ser gerida com maior atenção à linguagem visual, ao calendário de publicações e à valorização do processo criativo das artesãs.

Imagen 1. Perfil do Instagram - ASA Ouro Preto



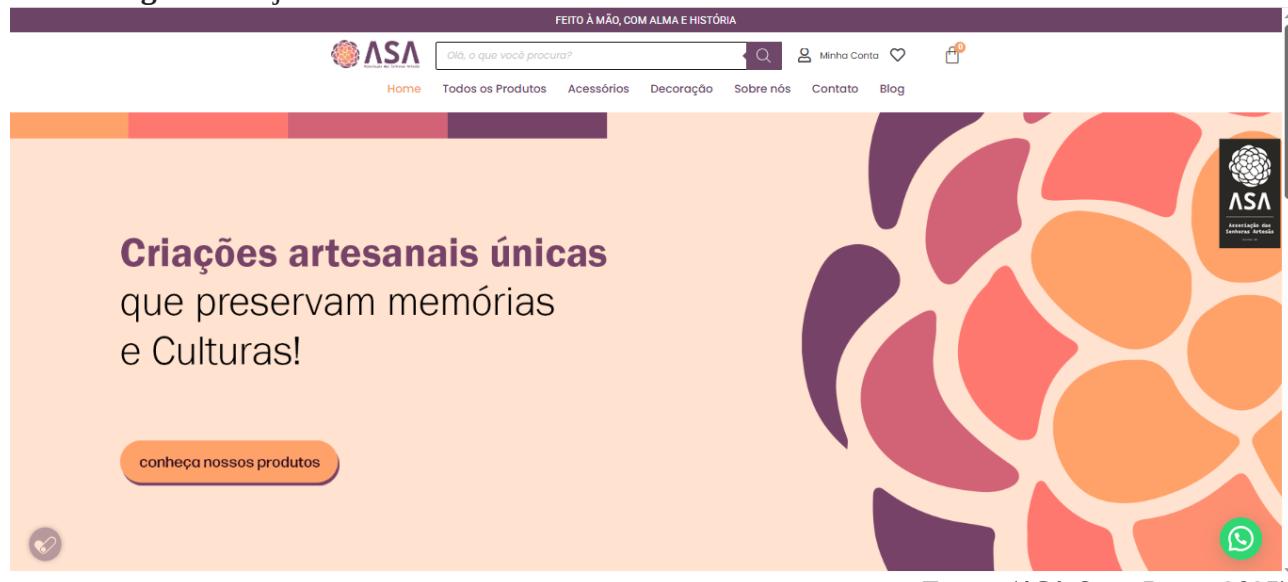
Além disso, o desenvolvimento de um site oficial da associação atendeu ao desejo das próprias associadas de contar com uma plataforma acessível e funcional para a divulgação e comercialização dos produtos (Imagen 2). O site foi concebido de forma colaborativa, com a participação ativa das bordadeiras na definição do layout, da linguagem e da organização do conteúdo, garantindo que a ferramenta refletisse a identidade e os valores da ASA.

A criação do site não apenas ampliou os canais de comercialização, mas também contribuiu significativamente para o fortalecimento da presença digital da associação. Com ele, tornou-se possível apresentar o trabalho das artesãs a um público mais amplo, inclusive fora da região, além de estabelecer novos vínculos com parceiros institucionais, apoiadores e interessados na cultura local.

A plataforma também passou a ser um espaço de registro e compartilhamento de informações sobre as oficinas, a história da ASA, os saberes tradicionais e os territórios de atuação das associadas,

reforçando o caráter educativo e patrimonial do projeto. Assim, a estratégia de comunicação integrada, ancorada na valorização da identidade visual, tanto no ambiente virtual quanto no impresso, passou a ser um instrumento essencial para a promoção da autonomia econômica das artesãs, para a valorização do artesanato como expressão cultural e para a preservação dos saberes manuais transmitidos entre gerações.

Imagen 2. Loja Virtual - ASA Ouro Preto



Fonte: (ASA Ouro Preto, 2025).

Apoio a Participação em Editais de Fomento

Durante a execução do projeto de extensão, surgiram duas oportunidades fundamentais para ampliar a visibilidade da ASA e fortalecer o reconhecimento social, cultural e econômico do trabalho realizado pelas bordadeiras. Essas oportunidades foram viabilizadas por meio da participação em editais públicos de fomento, os quais possibilitaram não apenas o acesso a recursos financeiros, mas também a inserção das artesãs em espaços institucionais de valorização do fazer manual e da cultura local.

A primeira experiência relevante foi a aprovação da ASA em um edital da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que viabilizou sua participação no Festival de Inverno 2024 da universidade. A proposta contemplada resultou na realização da exposição “Trabalhar com as mãos: tecendo e pintando histórias”, no Museu Casa dos Contos (Imagen 3). Essa exposição promoveu um instigante diálogo entre o bordado artesanal das associadas e as artes plásticas dos artistas Carlos Bracher e Fani Bracher.

A proposta consistiu em criar releituras, por meio dos bordados, a partir de obras dos dois artistas. Utilizando a técnica de sublimação, as imagens das pinturas foram impressas em tecido, servindo como base para intervenções criativas das bordadeiras. As 20 artesãs realizaram uma curadoria coletiva ao selecionar a pintura com a qual mais se identificavam, resultando em peças únicas que entrelaçam o universo pictórico com as trajetórias pessoais de cada mulher (Chagas; Rocha; Rezende, 2025).

Imagen 3. Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Os autores (2025).

Esse processo conferiu uma nova expressividade estética aos bordados, ao mesmo tempo em que valorizou os saberes tradicionais e a singularidade do gesto artesanal. Nessa perspectiva, o bordado deixou de ser apenas uma reprodução formal para se tornar um meio de ressignificação, em que cada ponto se transforma em narrativa pessoal.

A atividade de bordar passou a representar não apenas uma habilidade técnica, mas também um exercício de memória, pertencimento e valorização da identidade. Além disso, a ação no museu possibilitou às artesãs reconhecerem-se como produtoras de cultura e conhecimento, resgatando suas histórias e expressando sua subjetividade por meio do fazer manual (Imagen 4).

Ademais, a exposição, construída de forma colaborativa entre docentes, discentes, técnicos da universidade, membros da comunidade e as próprias bordadeiras, foi um marco na trajetória da associação, pois ampliou sua presença no espaço público e inseriu seu trabalho em um circuito artístico de relevância regional.

Imagen 4. Artesãs do coletivo ASAs



Fonte: Os autores (2025).

Em paralelo, a associação foi contemplada em um edital da Prefeitura de Ouro Preto, voltado à valorização do trabalho artesanal e ao estímulo à geração de renda em territórios periféricos e distritais. Com esse recurso, foi elaborado e executado, por todo o grupo – docentes, discentes e bordadeiras –, o plano de trabalho intitulado “Tecendo Asas”, que previa a realização de oficinas de bordado e costura, a aquisição de materiais, a contratação de serviços terceirizados e o planejamento de ações de formação voltadas ao fortalecimento da associação.

As oficinas, realizadas nos distritos do município, atingiram mais de 200 participantes, consolidando a ASA como um agente formador e difusor de saberes tradicionais.

Imagen 5. Cartaz de divulgação do Workshop



Fonte: Os autores (2025)

Os impactos sociais das ações foram evidentes: além de transmitir técnicas e conhecimentos ligados ao bordado, o workshop (Imagen 5) e as oficinas (Imagen 6) promoveram espaços de encontro, diálogo intergeracional, troca de experiências e valorização da identidade local, contribuindo para o empoderamento de mulheres em diferentes contextos comunitários.

Imagen 6. Artesãs ofertando a oficina no distrito



Fonte: Os autores (2025).

Por conseguinte, a fim de garantir o êxito das atividades e otimizar sua organização, foram desenvolvidos, pelos discentes, sistemas de gestão eficientes, como a criação de formulários de inscrição padronizados e personalizados. Essa padronização facilitou a coleta de dados, a comunicação com as participantes e a divulgação das oficinas, conferindo maior profissionalismo à imagem da associação.

Além disso, com o intuito de promover a autonomia das bordadeiras e garantir a sustentabilidade das ações, mesmo após o encerramento do projeto de extensão, foi promovido um ciclo de capacitações em parceria com docentes da UFOP. As atividades abordaram temas como planejamento, gestão de negócios, empreendedorismo e inovação, preparando as associadas para lidar com os desafios da gestão e da comercialização de seus produtos.

Essas ações responderam a desafios identificados previamente no diagnóstico organizacional da associação, como a desorganização interna, a sobrecarga de tarefas entre poucas associadas e a falta de estratégias de longo prazo. Com a reorganização das atividades e a distribuição mais equitativa das funções – como a compra de materiais, o levantamento de feiras e eventos, a inserção de conteúdos nas redes sociais, a inovação dos produtos e a coordenação das oficinas –, foi possível fortalecer a estrutura organizacional da ASA.

Mais do que executar tarefas, as mulheres passaram a construir coletivamente uma comunidade de prática, conceito discutido por Lave e Wenger (1991), que definem esses espaços como ambientes

em que o conhecimento é produzido e compartilhado de forma situada, a partir da experiência vivida. Segundo os autores, esse tipo de aprendizagem envolve quatro componentes interdependentes: significado (aprender por meio da experiência), prática (aprender fazendo), comunidade (aprender pertencendo) e identidade (aprender transformando-se).

Assim, o projeto favoreceu a transformação das bordadeiras não apenas em gestoras e multiplicadoras de saberes, mas também em protagonistas de suas histórias. Como reforça Sousa (2019), o ato de bordar, quando compartilhado entre mulheres – mães, avós, irmãs ou amigas –, torna-se um fio condutor de memórias e afetos, entrelaçando histórias individuais em uma trama coletiva.

Nesse sentido, ao valorizar o fazer artesanal e reconhecer seu potencial formativo, o projeto ampliou o alcance e a legitimidade da ASA como uma instituição comprometida com a valorização do patrimônio imaterial e com o desenvolvimento social do território. A associação passou a estabelecer novas parcerias, como a confecção de bolsas bordadas encomendadas pelo sindicato dos docentes da universidade como presente institucional de fim de ano, ampliando a geração de renda e a visibilidade das bordadeiras.

Em síntese, a participação em editais de fomento e a estruturação cuidadosa das ações desenvolvidas permitiram consolidar a ASA como uma referência em práticas artesanais em Ouro Preto, contribuindo para a autonomia das mulheres envolvidas, a preservação de saberes tradicionais e a formação de novas comunidades de prática, com potencial de reprodução e multiplicação social e cultural.

Discussão dos Resultados

O projeto de extensão “Mulheres de ASAs: artesanato empreendedor com mulheres rurais” demonstrou ser uma importante ferramenta para o empoderamento, a sociabilidade e a geração de renda entre mulheres artesãs da região de Ouro Preto. As oficinas promovidas focaram na valorização do saber-fazer artesanal, especialmente o bordado, aliado ao uso sustentável de matérias-primas de baixo custo, recicláveis e reutilizáveis. Essa abordagem sustentável não apenas reforça a economia local, mas também reafirma a identidade cultural das mulheres ao transformar elementos tradicionais em produtos inovadores, como itens de moda casa, acessórios, customização de vestuário e embalagens bordadas para produtos da agricultura familiar.

As formações oferecidas pelo projeto promoveram a apropriação de novos conhecimentos técnicos e empreendedores, capacitando as participantes da sede e dos distritos para atuarem de forma autônoma e criativa. Essa autonomia, conforme discutido por Rubio Bañón e Lloret (2016), é essencial para que mulheres empreendedoras possam superar desafios estruturais e ampliar suas oportunidades econômicas, especialmente em contextos rurais e marcados por desigualdades. O acesso ao conhecimento e à prática possibilitados pela extensão universitária representa um espaço de transformação social e individual, no qual as mulheres não apenas reproduzem saberes ancestrais, mas também os reconfiguram, incorporando inovação às suas práticas (Cyrne, 2023).

Além disso, a inovação e a diversificação dos produtos, que incorporam elementos do patrimônio histórico-cultural local, reforçam a articulação entre tradição e contemporaneidade, destacando o bordado como um patrimônio imaterial vivo e dinâmico. Essa ressignificação valoriza os artefatos e amplia as possibilidades de comercialização, promovendo a geração de renda familiar e fortalecendo o empreendedorismo feminino. Sobre isso, conforme apontado por Frederick e Nguyen (2014), iniciativas que valorizam o saber local têm impacto direto na redução da pobreza e na sustentabilidade econômica das comunidades.

Os avanços observados na ASA refletem os potenciais da extensão universitária em democratizar o acesso ao conhecimento acadêmico e aproximar a universidade da realidade social. Essa aproximação fomenta a formação crítica e reflexiva dos discentes, enriquecendo sua experiência acadêmica com vivências concretas e estimulando a consciência social e cidadã, conforme destacado por Santos (2012) e Cunico *et al.* (2024). A relação dialógica entre saberes populares e científicos, evidenciada no projeto, representa um ambiente fértil para a co-construção do conhecimento e para o fortalecimento de comunidades de prática, conforme Wenger (1998).

Ademais, o projeto promoveu benefícios sociais mais amplos, como o estímulo à educação continuada e a criação de novos espaços de difusão do conhecimento, contribuindo para a democratização do ensino superior e para o fortalecimento dos vínculos entre universidade e sociedade. Essa integração, por sua vez, potencializa o papel transformador da extensão, que ultrapassa os limites acadêmicos e impacta diretamente na melhoria das condições de vida e na valorização cultural das comunidades atendidas.

Por fim, os resultados indicam que a extensão universitária, quando articulada com práticas culturais e empreendedoras locais, pode ser um agente potente de transformação social, fortalecimento econômico e valorização do patrimônio imaterial. O projeto de extensão ilustra como o entrelaçamento entre tradição e inovação, e entre saber popular e acadêmico, gera impactos concretos para as mulheres artesãs e para a comunidade de Ouro Preto, promovendo o desenvolvimento sustentável e a inclusão social.

Considerações Finais

Diante do objetivo proposto, constata-se que as ações desenvolvidas junto às bordadeiras da Associação das Senhoras Artesãs (ASA) de Ouro Preto impactaram significativamente o cotidiano da entidade. O projeto contribuiu para o aprimoramento de habilidades essenciais à gestão de projetos coletivos e empreendimentos individuais, promovendo maior autonomia e capacitação das participantes.

Internamente, observaram-se avanços na organização, nos processos de trabalho, na comunicação e na coesão entre as associadas. A renovação da identidade visual e a criação de um site ampliaram a visibilidade e o alcance dos produtos, fortalecendo a presença da ASA no cenário cultural e comercial. Além disso, o projeto repercutiu na comunidade de Ouro Preto e em seus distritos, ao fomentar a participação em oficinas e eventos de cunho cultural e educativo.

As ações extensionistas contribuíram não apenas para o fortalecimento institucional da associação, mas também para a preservação dos saberes tradicionais do bordado, patrimônio imaterial local, promovendo geração de renda e empoderamento de outras famílias envolvidas. Nessa perspectiva, o caráter extensionista da iniciativa propiciou um aprendizado mútuo entre a universidade e a comunidade, destacando a relevância da extensão no processo educativo interdisciplinar por meio da troca de saberes e experiências (PNEU, 2012). Além de favorecer o desenvolvimento pessoal e profissional dos discentes, a extensão amplia o acesso à educação, democratiza o conhecimento e aproxima a universidade da realidade social (Pinheiro; Narciso, 2022).

Em suma, a experiência reafirma o papel transformador da extensão universitária na formação de profissionais cidadãos, críticos e comprometidos com seu entorno, ao integrar o saber científico ao conhecimento popular e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e colaborativa. Além disso, mostra como os saberes acadêmicos do curso de Engenharia de Produção podem ser empregados na prática de organizações como a ASA.

Referências

- ALVES, T. C. F. **Envelhe(ser) entre linhas e afetos:** uma análise dos saberes-fazeres de mulheres bordadeiras. 2022. 92 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Instituto de Recursos Naturais, Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2022. Orientador: Carlos Alberto Máximo Pimenta. Disponível em: <https://repositorio.unifei.edu.br/jspui/handle/123456789/3063>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- ASA OURO PRETO (@asaouropreto) Fotos e vídeos do Instagram. 2025. [Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/asaouropreto/>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- ASA OURO PRETO. 2025. Disponível em: <https://asaouropreto.com/>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20–28, abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- CHAGAS, T. T. R. das; ROCHA, B. A.; REZENDE, E. F. de. Entre linhas e saberes: Experiências de troca e criação coletiva na extensão universitária. **Além dos Muros da Universidade**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 01–09, 31 jul. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.70615/alemur.v10i3.7926>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- CUNICO, L.; LIMA, A. C. A.; KUBA, C. M. B.; LESSAK, L. R.; SOUZA, P. C. de. Protagonismo discente por meio do fazer extensionista. **Educação: Teoria e Prática**, [s. l.], v. 34, n. 67, p. e64[2024]-e64[2024], 25 set. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v34.n.67.s17681>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- CYRNE, C. **A sacralização da inovação e a tradição.** Grupo AHORA, 18 maio 2023. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2023/05/18/a-sacralizacao-da-inovacao-e-a-tradicao/>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- DINIZ, A. L. C. Histórias bordadas: estudo sobre a poética do bordado na arte contemporânea. In: CARVALHO, Z. de J. V. et al. (org.). **Espaço, memória e temporalidade, da I Semana Acadêmica Internacional do PG-CULT e da VII Semana Acadêmica do PGCULT: desafios e experiências na construção interdisciplinar** [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2021. p. 316. E-Book do I Encontro do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD. Modo de acesso: World Wide Web. ISBN: 978-65-5363-002-4.
- FERNANDES, M. C.; SILVA, L. M. S. da; MACHADO, A. L. G.; MOREIRA, T. M. M. Universidade e a extensão universitária: A visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, v. 28, n. 4, p. 169-194, 2012.
- FERREIRA, T. B.; HELAL, D. H.; PAIVA, K. C. M. de. Artesanato, aprendizagem social e comunidade de prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 12, n. 1, p. 33-61, 2016.
- GEM. **GEM 2022/23 Women's Entrepreneurship: Challenging Bias and Stereotypes.** 2023. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/reports/womens-entrepreneurship>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- HAPSARI, N.; SOEDITIANINGRUM, N. Cultural Factors on Female Entrepreneurship: A Literature Review. **E3S Web of Conferences**, v. 73, p. 11018, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1051/e3sconf/20187311018>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning.** New York: Cambridge University Press, 1991.
- MORAES SOBRINHO, J.; FERREIRA, T. B.; HELAL, D. H.; COSTA, M. S. O papel do Estado no desenvolvimento regional: análise das políticas públicas voltadas ao artesanato na cidade de Lajes Pintadas - RN. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNO – ENAPG, 5., 2012, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANPAD, 2012.

NGUYEN, C.; FREDERICK, H.; NGUYEN, H. Female entrepreneurship in rural Vietnam: An exploratory study. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 6, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJGE-04-2013-0034>. Acesso em: 7 jun. 2025.

PINHEIRO, J. V.; NARCISO, C. S. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 14, n. 2, 2022.

PNEU. Política Nacional de Extensão Universitária. In: FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2012. Manaus-AM, maio 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2025.

RUBIO BAÑÓN, A.; LLORET, N. Cultural factors and gender role in female entrepreneurship. **Suma de Negócios**, v. 7, n. 15, p. 9-17, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sumneg.2015.12.002>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SANTOS, M. P. dos. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Revista Conexão UEPG** (on-line), Ponta Grossa, v.8, n.2, jul./dez. 2012. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/4547?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 7 jun. 2025.

SOUSA, J. Pa. de. **Tramas invisíveis**: bordado e a memória do feminino no processo criativo. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Orientadora: Benedita Afonso Marins. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11443>. Acesso em: 7 jun. 2025.

WENGER, E. **Communities of Practice**: learning, meaning and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.